

Entre a obrigação e o prazer: o papel do livro no universo juvenil do Rio de Janeiro e de Barcelona

Referência da obra resenhada:

TRAVANCAS, Isabel. *A experiência da leitura entre adolescentes: Rio de Janeiro e Barcelona*. Curitiba: Appris, 2020.

Patricia Marouvo Fagundes¹



Em seu livro mais recente, *A experiência da leitura entre adolescentes: Rio de Janeiro e Barcelona* (2020), a professora Isabel Travancas reúne os apontamentos que pôde compilar durante sua pesquisa de pós-doutorado e chega a conclusões que ajudam a desconstruir o senso comum – adolescente não gosta de ler e lê muito pouco. A pesquisa foi desenvolvida entre 2011 e 2013 no Programa de Comunicação e

¹ Doutora em Letras na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui mestrado em Letras e graduação em Letras: Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha como professora adjunta no curso de Letras - Língua Inglesa e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Acre. E-mail: patriciamarouvo@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5506-953X>.

Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde integra o corpo docente na graduação e na pós-graduação. As perguntas que instigaram sua pesquisa – *como, por que, quando e em que condições* adolescentes se tornaram leitores – surgiram a partir do desconforto que os alunos de graduação recém-ingressados no curso de Comunicação pareciam ter em relação aos grandes clássicos da literatura brasileira. A pressuposição da pesquisadora era de que a escola provavelmente teria contribuído até certo ponto para o afastamento dos alunos do universo literário brasileiro, em especial dos grandes clássicos como Machado de Assis ou José de Alencar.

Trabalhando dentro desse horizonte de questionamentos, Travancas (2020) desenvolve uma pesquisa de cunho etnográfico, objetivando adentrar o mundo de leitores e não leitores de cinco escolas e algumas bibliotecas públicas na cidade do Rio de Janeiro e de quatro escolas e algumas bibliotecas públicas na cidade de Barcelona. Ainda que à primeira vista tão distintas, essas cidades ofereciam pontos de contato que, segundo Travancas (2020), serviram de estímulo à pesquisa: ambas são polos culturalmente relevantes em seus países, têm localização costeira e são altamente cosmopolitas (atraindo turistas dentro e fora do país). O recorte revela que, ao selecionar escolas públicas e privadas, a pesquisa almeja apreciar as diferenças sociais e as distinções entre bibliotecas, sendo a diversidade social, econômica e cultural um dos aspectos mais marcantes. Ao comparar a relevância das bibliotecas para brasileiros e para espanhóis nesse contexto, a pesquisadora relata que, enquanto as bibliotecas em Barcelona dispõem de espaço para interação e sociabilidade além de pesquisa e leitura, as bibliotecas no Rio de Janeiro são escassas, detêm um acervo pequeno e são pouco frequentadas.

O livro é organizado em cinco capítulos, intitulados: “Livro, leitura, leitor”, “O trabalho de campo e suas metodologias”, “Rio de Janeiro: leitores e não-leitores”, “Barcelona: bibliotecas, escolas e leitores” e “Leitura: entre a obrigação e o prazer”. No primeiro capítulo, os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa são explicitados. A autora entende por “livro” um suporte midiático que pode migrar para outras plataformas digitais, alargando o escopo por onde sua narrativa pode trafegar (TRAVANCAS, 2020). Travancas (2020) busca remover o livro do território sagrado a que, por vezes, é relegado dentro de círculos acadêmicos, que o investem de uma

“aura”. Desse modo, o livro é concebido dentro de padrões similares aos de um filme ou uma série de TV. Seu entendimento como produto midiático significa também enxergá-lo como mais um objeto da indústria cultural, estando sujeito, desse modo, à padronização e à produção em série por mobilizar forças dentro do mundo dos negócios. Nessa dimensão, “leitura” é compreendida como uma produção, ou ainda, construção de sentido, o leitor tendo um papel fundamental. O processo de leitura, longe de ser mera decodificação, propicia o surgimento de um tempo-espaço para construção e negociação de sentidos.

Os pressupostos teóricos tendo sido estabelecidos, o segundo capítulo explicita a metodologia do trabalho de campo. No primeiro momento da pesquisa, Travancas distribuiu questionários com perguntas abertas e fechadas nas turmas das escolas. Os questionários utilizados em escolas cariocas foram redigidos em português e suas perguntas concerniam dados pessoais, os hábitos de leitura dos alunos, os hábitos de seus pais e a preferência por plataformas/gêneros textuais específicos num grupo previamente estabelecido. Uma pergunta particularmente interessante foi a questão sobre o objeto livro como um presente a ser dado/recebido, revelando possíveis conotações simbólicas e culturais dentro da realidade brasileira. Essa questão abrange, inclusive, o valor afetivo que um livro pode carregar quando ofertado como presente, dando margem para a construção de relações de propriedade e identidade de sujeitos leitores. Os questionários utilizados nas escolas em Barcelona foram redigidos em castelhano, algumas questões tendo sido acrescentadas para atender ao público específico, como a nacionalidade dos participantes, as línguas em que liam, a existência de biblioteca dentro da escola e a frequência com que a utilizavam. Simultaneamente, a pesquisadora tinha em mente a observação participante do ambiente escolar e do grupo estudado. Já no segundo momento, foram conduzidas entrevistas individuais e em grupo com estudantes que tivessem interesse e disponibilidade para participar, a possibilidade tendo sido indicada ao final do questionário.

Tanto o terceiro capítulo quanto o quarto fazem a análise dos dados colhidos nas etapas anteriores do trabalho de campo. Dentre alguns dos comentários tecidos pela autora, vale ressaltar que igualmente alunos brasileiros e espanhóis preferem ler o livro impresso em detrimento de *e-books*, seja no celular, em *tablets* ou em

computadores. Acreditam que o livro físico, uma vez adquirido, passa a integrar seu universo e servir como elemento identitário – o que no caso carioca, também reflete a baixa frequência de idas à biblioteca da escola e às bibliotecas públicas. A leitura de textos religiosos, associadas à igreja que frequentam, foi uma característica marcante de escolas de Nilópolis, além de textos jornalísticos mais populares, revistas femininas e gibis. Ganhar ou comprar livros, por outro lado, não se configuram como hábitos disseminados tanto por conta do custo quanto pela distância do mundo literário nessas escolas da Zona Oeste. Em todas as escolas públicas do Rio de Janeiro, no entanto, a leitura é vista como uma ferramenta imprescindível para a ascensão social por pais e alunos. Um traço marcante dos dados de Barcelona é a pluralidade de línguas e nacionalidades, em especial por acolher muitos imigrantes estrangeiros e por se tratar de uma cidade que tem o catalão e o castelhano como línguas nacionais.

Por fim, o último capítulo do livro reúne conclusões acerca do papel da escola para a formação de leitores a longo prazo, uma vez formados. Travancas (2020) afirma que a leitura obrigatória não conseguiu criar um vínculo entre livro e leitor que independa da obrigatoriedade e do ensino, ou melhor, o hábito de ler, e os possíveis prazeres a ele associados não passaram a fazer parte da vida cotidiana de estudantes, que, por vezes, expressavam o alívio em saber que não precisariam ler quando se formassem. Um desafio que a escola tem diante de si, segundo a autora, é a transformação da leitura obrigatória em uma atividade prazerosa. Uma questão a ser levantada é quais autores e textos devem ser trabalhados para cumprir as exigências curriculares, mas também é proposta uma escuta das vontades individuais, alternativas sendo oferecidas, deste modo, aos alunos para que a experiência literária não seja evitada, seja por resistência ou desinteresse. Também de suma importância seria, pelo incentivo às demandas dos estudantes, que os mesmos fossem instigados à pesquisa de autores que lhes interessem.

A experiência da leitura entre adolescentes: Rio de Janeiro e Barcelona faz um levantamento de dados necessários aos professores de literatura nas escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, colaborando na desconstrução de pressuposições e generalizações que não levam em consideração as subjetividades em formação dentro de sala de aula nos momentos que tentam nivelar e uniformizar a experiência literária. A partir disso, depreendo que a insistência no ensino dos clássicos da

literatura brasileira, sem uma atualização das experiências de vida e do traço inovador dos experimentos literários dos séculos passados, acaba se tornando frustrada para muitos alunos por não criar um paralelo com as questões e com a linguagem contemporânea. Não se estabelece, assim, o percurso histórico de construção de discursos de nacionalidade, identidade, gênero, entre outras tantas questões que devem ser abordadas no ensino de língua e de literatura porque disputadas politicamente em sociedade. A pesquisa de Isabel Travancas mostra que ouvir e respeitar as leituras extraclasse são movimentos fundamentais para uma possível provocação de sensibilidades de modo a tornar a leitura uma atividade prazerosa que poderá acompanhar estudantes ao longo de suas vidas. A sugestão de expansão do cânone, mais especificamente, me pareceu particularmente relevante no momento em que a literatura contemporânea tem se engajado com anseios compartilhados nas mídias sociais.

Recebido em: 22/10/2020

Aceito em: 08/12/2020